

AT13

NAS ASAS DA GUARÁ VERMELHA, LUTA E RESISTÊNCIA FEMININA: CONFIGURANDO AS PAISAGENS DO SEMIÁRIDO PARAIBANO

José Emerson Gonçalves da Silva¹

Patrícia Cristina de Aragão²

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

RESUMO:

A vida no sertão paraibano apresenta-se em múltiplos olhares para os sujeitos que nesta territorialidade habitam. Muitas vezes os laços de sociabilidade, afetos, conflitos construídos vão sendo sustentados a partir da arte de viver que homens e mulheres se organizam. Trazer a reflexão a vida em seus diferentes aspectos entrelaçando tal perspectiva com os estudos de gênero nos permite dialogar com a História e a literatura, apontando o saber literário como um lugar de compreensão da historicidade que os sujeitos no sertão paraibano são apresentados nas representações literárias. Este artigo tem como proposta discutir sobre a condição da mulher, através de sua luta e resistência contidas na obra da escritora Valéria Rezende, *O Voo da Guará vermelha*. Nela a autora vai delineando os lugares da mulher, na configuração da paisagem do semiárido paraibano, a partir do sertão. O objetivo deste estudo é refletir sobre as relações de gênero, chamando atenção para o lugar do feminino na obra de Valeria Rezende, *O Voo da Guará Vermelha*, articulando esta discussão a partir do olhar sobre o semiárido. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cuja fonte utilizada é a literatura. Como autores que nos inspiraram na feitura deste texto temos os trabalhos de REZENDE (2005), CHARTIER (1990), DEL PRIORE (2000), MELO NETO (1958), (CARVALHO, 2011), BORGES (2010), NASSIF (2013), SWAIN (2011), PERROT (1992), GOMES (2011), GONÇALVES (2006), NORA (1993), CANDIDO (1985), ABERCROMBIE (1984), DAROS (2013), SCOOT (1989). Consideramos que a literatura em interface com a história na abordagem de gênero, possibilita perceber as traduções do viver cotidiano, ela permite construir novos olhares sobre o contexto social, com base nas representações que são elaboradas sobre uma dada realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. História. Gênero. Semiárido. Sertão.

¹ Graduando em História. Pesquisador PIBIC/CNPq. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa História. Cultura e Ensino.

E-mail: jegdsbr@gmail.com

² Professora de História. Doutora em Educação.

E-mail: patriciacaa@yahoo.com

INTRODUÇÃO

[...] eu deixo essa vida, não me importo de tudo se acabar agorinha, que esta minha vida só tem uma porta, que dá para o cemitério [...] (REZENDE, 2005, p.13).

Este artigo tem como proposta através de um diálogo da história com a literatura, discutir sobre a condição da mulher, através de sua luta e resistência contidas na obra da escritora Valéria Rezende, *O Voo da Guará vermelha*. Nela a autora vai delineando os lugares da mulher, na configuração da paisagem do semiárido paraibano, a partir do sertão. O objetivo deste estudo é refletir sobre as relações de gênero, chamando atenção para o lugar do feminino na obra de Valeria Rezende, *O Voo da Guará Vermelha*, articulando esta discussão a partir do olhar sobre o semiárido. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cuja fonte utilizada é a literatura. Como autores que nos inspiraram na feitura deste texto temos os trabalhos de REZENDE (2005), CHARTIER (1990), DEL PRIORE (2000), MELO NETO (1958), (CARVALHO, 2011), BORGES (2010).

Este estudo, portanto, faz parte da pesquisa de Iniciação Científica intitulado Redes de saberes que tecem narrativas sobre as mulheres: autobiografia, memória e história de vida, da Universidade Estadual da Paraíba, cota 2017-2018, em que neste trabalho nos enveredamos em apontar como mulheres escritoras, a exemplo, de Maria Valéria Rezende, em sua obra, tecem discussões sobre as questões de gênero a partir da visualização da Paraíba.

Para elaboração deste artigo, trabalhamos nas perspectivas de Rezende (2005), Chartier (1990), Del Priore (2000), Melo Neto (1958), Carvalho (2011), Borges (2010), Nassif (2013), Swain (2011), Perrot (1992), Gomes (2011), Gonçalves (2006), Nora (1993), Candido (1985), Abercrombie (1984), Daros (2013), Scoot (1989). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, em que utilizamos como fonte a obra supramencionada. Consideramos que a obra literária, educa e possibilita uma discussão e problematização sobre a identidade e o gênero feminino, a partir dos processos históricos e do espaço-físico e geográfico decorrente da trama. Portanto, organizamos este texto em duas sessões, inicialmente com a discussão sobre a obra, quem é a autora e o contexto que retrata a personagem de Irene no sertão nordestino. Já no segundo momento, abordaremos sobre as questões de identidade e sexualidade por intermédio da literatura.

A literatura desempenha um importante papel cultural, social, histórico e educacional, possibilitando o diálogo com diferentes campos do conhecimento. Visto deste modo, acreditamos que a literatura consiste num espaço de reflexão, no campo ficcional, das questões que fazem parte das vivências humanas e suas experiências. O literato brasileiro enfatiza a esfera cultural do país como uma forma de trazer a reflexão para essas questões. A história ganha corpo e volume à medida que ela é caracterizada e personificada nas palavras e nos contos.

Deste modo, o termo “história”, nos permite compreender os acontecimentos temporais, a investigação de seus elos e o apontamento para o registro oral e escrito. No entanto, a palavra “literatura” enfatizará o texto imagético, tornando o ficcional um fenômeno pelo qual torna-se estudo e análise desse conjunto de habilidades ou saberes.

A narrativa literária se apoia na representação dos acontecimentos, pois ela é pensada e escrita a partir da influência das percepções que consegue captar no contexto da trajetória da História. A historicidade da Literatura, é pensada e diagnosticada por sua essência, o que torna o gênero romântico (Romance) histórico ao modo que este se relaciona com o espaço-temporal e o contexto fático. Com isso, as representações intelectuais, dentre elas, as ficcionais, como as literárias, são sempre marcadas por múltiplos, complexos e diferenciados interesses sociais, sobretudo, aqueles dos grupos sociais que as forjam (BORGES, 2010).

Daí ser necessário relacionar os discursos proferidos com a posição social de quem os produz e de quem os utiliza, visto que as percepções do social não são neutras; produzem e revelam estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade, uma hierarquia, um projeto, uma escolha (CHARTIER, 1990, p. 16-7, 28).

A conquista do território da escrita, da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil. Tanto que, ainda hoje, quando ouvimos falar de Hilda Hilst, escritora brasileira contemporânea, e o trabalho desenvolvido pela mulher no campo literário, logo, perceber o quanto foi desafiador a produção feminina no campo da literatura, tendo em vista os diversos preconceitos, discriminações e invisibilidades que estas tiveram experiência no decorrer de sua trajetória.

(DEL PRIORE, 2000, p.409-410), ao abordar sobre o lugar das escritoras brasileiras, nos chamam atenção algumas das quais passaram por inúmeras experiências de luta em relação a

divulgação de sua escrita. Ela chama atenção de escritoras como Hilda Hilst, por exemplo, que já apontaram as dificuldades femininas na produção da escrita literária, outra escritora foi Rachel Jardim na obra *Cheiros e ruídos* (1976), que demorou anos para descobrir a sua forma de expressão e se aceitar como escritora, pois colocara sua necessidade de criar na casa e na combinação dos pratos que servia, uma outra escritora que chamou atenção ao trabalho feminino no campo literário foi, Zélia Gatai, em sua obra *Anarquistas graças a Deus* (1982), pensando no que diria sua mãe ao ler o livro: “Que menina atrevida! O que não vão dizer!” Ou seja, compreendemos que foram múltiplos os caminhos para a escrita feminina no contexto da literatura brasileira contemporânea.

A publicação de *O Vôo da Guará Vermelha*, de Maria Valeria Rezende, o romance entrou nessa dialética da escrita, o empoderamento das palavras e da identidade de gênero, ganhará notoriedade e força na personagem de Irene, contextualizada no Nordeste, sertão brasileiro. A escrita de Rezende, traz marcas de nossa “nordestinidade”, através do olhar que a mesma vai desenvolver do sertão paraibano.

A obra de Valeria se insere na expansão do movimento regional literário se estendendo até o “sertanismo”, onde procura enfatizar, por meio de denúncias os problemas acometidos pelas populações pauperizadas do sertão paraibano e configurando nestas, a miséria, o êxodo, via migrações, o trabalho, o analfabetismo, as relações de gênero representadas nos personagens criados por ela.

O regionalismo entra no campo literário com vários significados, sendo eles também caracterizados por demarcarem um lugar específico, uma região. O regionalismo não é uma linguagem regional, que o inutilizaria, mas falar de problemas que estão mais próximos da pessoa que fala: a dor de homens e mulheres, a alegria, as suas lutas e as suas belezas etc. Não, é claro, com a limitação de uma linguagem local, que inutiliza a expressão Universal e a transmissão objetiva do conteúdo humano do poema ou do romance. Apenas com aquele interesse intrínseco do humano, na valorização do mundo. O que limita o regionalismo não é o tema de interesse circunscrito, mas a linguagem, com seus perigos de fixação que ele poderá inutilizar a universalidade (MELO NETO, 1958).

A caracterização do regionalismo na literatura está no “Sertanismo”, tido como a origem da escrita ficcional brasileira na literatura regional. O romance ao longo da história se direcionou aos questionamentos regionais. O gênero ganhou força e vitalidade a medida que a

história documental surgia fortemente marcado pelo Realismo/Naturalismo do século XIX, mostrando as particularidades das regiões sertões do país (CARVALHO, 2011).

Ressaltamos que, o diálogo da literatura a partir do foco no sertão, do semiárido paraibano a partir das questões de gênero, propicia e impulsiona o pensamento sobre a identidade feminina e a sua resistência no cenário brasileiro, em que nos reportamos ao recorte feito ao Nordeste, a partir do enfoque dado a Rezende.

De acordo com Borges (2010, p. 98), a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, que representa as experiências humanas, os sentimentos, as inquietações, os sonhos e as questões que movimentam em cada sociedade e tempo histórico.

A importância da obra está voltada para a valorização da identidade feminina como uma maneira de dar autonomia e sentido a resistência/luta da mulher no contexto social do semiárido nordestino. A personagem de Irene se caracteriza este sentido, buscando incessantemente o respeito a sua condição profissional (prostituta), a busca por uma vida melhor onde a miséria o faz vítima da comercialização do seu corpo, tendo ela a preocupação em manter a sua família, mesmo estando condenada por uma doença terminal, aids.

1. A MULHER DO SEMIÁRIDO NA PERSPECTIVA DO VÔO DA GUARÁ VERMELHA

Nesta sessão inicialmente, apresentaremos a autora, Maria Valéria Rezende e sua trajetória literária, posteriormente, apresentaremos o contexto em que a obra se situa e por último faremos menção a identidade feminina e as relações de gênero presentes na obra de Rezende para em seguida dá prosseguimento a nossa análise.

A biografia de Maria Valéria Rezende ajuda a entender as personagens que cria e as temáticas que aborda. Nascida em Santos (SP), dedicou-se desde jovem à educação popular. Depois de São Paulo, viveu em Pernambuco e na Paraíba, no meio rural. Atualmente, reside em João Pessoa, cidade em que escreveu *O Voo da Guará Vermelha* escrita no ano de 2005. Produziu outros romances, sendo eles: *Quarenta Dias* em 2014 e *Outros Cantos* no ano de 2016.

A obra se passa entre o nordeste e o norte do país. A representação literária de Maria Valéria Rezende, *O Voo da Guará Vermelha*, está centrado na identidade feminina, na personagem de Irene, onde ela carrega o simbolismo em volta da cor vermelha, conforme a ave, a qual o título faz alusão. O simbolismo do vermelho, na obra, denota todo o processo de vida pela qual Irene foi submetida, a saber, vida, paixão e morte. Atendemos para os trechos que o seguem:

Das fomes e vontades do corpo há muitos jeitos de se cuidar porque, desde sempre, quase, quase todo o viver é isso, mas agora, crescentemente, é uma fome da alma que aperreia Rosálio, lá dentro, fome de palavras, de sentimentos e de gentes, fome que é assim uma sozinha inteira, um escuro no oco do peito, uma cegueira de olhos abertos e vendo tudo o que há para ver aqui, nenhum vivente, nem formiga, um cheiro de nada, as paredes de ressecadas tábuas **cinzentas** (grifo nosso), os montes de brita e de areia, **cinzentos**, a enorme ossada de concreto armado, sem cor os edifícios proibindo qualquer horizonte, um pesado teto **cinzento** e baixo [...]. [...] Tudo tão nada que Rosálio nem consegue evocar histórias que o foçam saltar para outras vidas, porque seus olhos não encontram com que pintá-las. [...]. (REZENDE. 2005, p.11)

A escrita de Rezende é fortemente marcada, tanto pelo uso das cores para definir sentimentos e estados emocionais, nos quais se encontram seus personagens, como com as cores dispostas em seus textos dialogam com a trama a artimanha possibilita o surgimento de metáforas, possíveis de serem identificadas desde a capa.

A autora mostra através da vida da personagem de Irene, pontos fundamentais para a sustentação da identidade como sujeito humano do ponto de vista moral e social. *A temática: Nas Asas da Guará Vermelha, Luta e Resistência Feminina*, está ligada a vivência da personagem, Irene, em que a autora aponta a luta da personagem pela sua afirmação social, mas ao mesmo tempo mostra as dificuldades tidas por ela para legitimação do papel da mulher na sociedade nordestina, a partir do olhar sobre a Paraíba, sendo ela uma mulher doente e pobre, porém forte e esperançosa.

O título utiliza conectivos com o realismo, mesmo sendo uma obra de características metafóricas, pois, as histórias narradas emergem a uma direção próxima da realidade, propondo novos paradigmas e olhares para além do conto literário. Com isso, precisamos encarar com responsabilidade e sensatez temáticas tão importantes como esta que enaltece as

relações de gênero e literatura, buscando e trazendo a discussão das ideias para o meio social e acadêmico.

O contexto é permeado pela história de Irene, jovem muito compromissada com duas pessoas descritas apenas como “o menino e a velha” que subtende ser sua família. Ela carrega consigo, marcas no corpo e na alma de maneira que não tem apoio de ninguém, sua miséria social não lhe deixa escolhas, pois passa a ser e a viver como uma prostituta condicionada pela pobreza e a falta de oportunidades.

Para Nassif (2013), Simone de Beauvoir, que marcou a visibilidade do feminismo no século XX com a publicação da obra o “Segundo Sexo” (1949), assim analisa a condição da prostituta:

A prostituta é um bode expiatório; o homem descarrega nela sua torpeza e a renega ”(Idem,376)e continua [...] a prostituta não tem direitos de uma pessoa, nela se resumem , ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina”. (NASSIF, 2013).

Fazendo uma análise comparativa com a personagem Irene, podemos verificar que a mesma vive histórias de amor e tragédia. Do amor que prende a sua história, que mata os seus sonhos, que deixa saudade e culpa pelas ações e atitudes que outrora ela cometeu. Irene se encontra em uma situação difícil, pobre, sozinha morando no sertão, ela não ver outra maneira de sobreviver, então ela comercializa o seu corpo, ela não busca o prazer, mas o recurso, o subsídio para a sua sustentabilidade. Essa situação desencadeou uma tristeza, um abandono, a sua alma estava aflita, Irene sempre esteve sozinha, sua vida era tão carente e silenciosa em seus problemas pessoais que negociar o seu corpo já não era um problema, seu coração estava pesado em seus lamentos, tais coisas agregavam-se as decepções que já existiam em sua vida, amores passados.

A partir dessa situação, ela teve que se transformar para encarar essa nova vida, mesmo sem ter noção do quão difícil ela seria. No começo acontecia, quando ela ainda não sabia avaliar um freguês, quase tudo ignorava quando se meteu na vida, desconhecia estranhezas e bizarrices sem fim que puta feita conhece, à custa de dor aprende, como um dia ela aprendeu, que cada vez que apanhava, em pouco tempo aprumava, sem mais sinal de pancada no corpo forte e saudável, sem sinal esperta para reconhecer perigo (REZENDE, 2005, p.179).

A prostituição enquanto “escolha” de uma “profissão” obscurece a profunda esquizofrenia do olhar lançado sobre as prostitutas, destituídas de toda perspectiva psicológica, capazes de cindir, no exercício da sexualidade, da “profissão”, seu corpo e sua mente, seu corpo e suas emoções (SWAIN, 2011).

Consequentemente, confundir prostituição e trabalho é dotá-la de uma dignidade que não possui no imaginário e na materialidade social, o linguajar popular exprime o desprezo social em relação à prostituta e nenhuma legislação procura infelizmente, modificar esta imagem construída, é a forma falaciosa de justificar as mulheres e ao seu corpo sexuado, mergulhando-as na total imanência (NASSIF, 2013).

Michelle Perrot (1992), uma das mais renomadas historiadoras sobre as mulheres, reflete uma preocupação que há muito envolve os intelectuais. Podemos destacar, concentrando-nos ainda nas vozes do século XX, a figura da importante escritora inglesa Virginia Woolf, que se empenhou em militar a favor das mulheres, através de seus escritos. (GOMES, 2011)

Rezende procura dar ênfase e continuação desse movimento literário feminista, através de suas produções literárias. A visão de Rezende é bem enfática no decorrer do romance. Ela não oculta a identidade feminina, ela resalta em sua literatura. O último capítulo da obra, “*Azul sem fim*”, descreve o desfecho final da história da personagem de Irene e consequentemente como a morte tem uma caracterização metafórica com a Guará Vermelha.

[...] Há muito tempo que Irene sabe que lhe basta dar um passo, que o outro mundo é logo ali, mas que ia ficar mais um dia, quer ouvir mais das histórias que o homem lhe dá de graça, mesmo que não ouço tudo, mesmo que às vezes cochile, essa voz lhe faz tão bem! (REZENDE, 2005. p. 38)

O capítulo inicial traz a imagem de uma Guará presa a um espinheiro, deixada para trás, condenada à morte, vivendo seus últimos dias. Mesmo falando de uma história triste, marcada por sérios problemas sociais da mulher pobre no sertão paraibano, Rezende mostrará a dor que representa ser mulher, ser prostituta, pobre, sertaneja e excluída.

O último capítulo “*Azul sem fim*”, descreverá os abusos e as agressões que ela passava, mesmo sendo de idade avançada e experiente em sua profissão. Irene passou por momentos difíceis, onde a sua identidade era roubada pela violência. Ela estava sendo reduzida ao nada, esmiuçada e moída sobre um castigo que nunca mereceu. Porém, as marcas em seu corpo, contavam a sua história, como a velha e desgarrada guará vermelha, presa aos espinhos.

Valeria apesar de fazer essas comparações metafóricas, fragilizando em parte a personagem, ela revela o vigor e a luta dessa personagem, mostrando como ela supera tudo sozinha, embora esteja muito doente. Irene é um símbolo da mulher do mundo real, daquela que mesmo nas piores condições de vida, subjugada as críticas e ao sistema patriarcal, a mulher se reinventa transformando, transformando-se. Segundo Gonçalves (2006):

Para o bem, ou para o mal”, não se enquadrava nos cânones do papel feminino, mesmo em uma sociedade de corte e que “ousou enfrentar o mundo dos homens, transgredir as normas sociais de seu tempo. Nunca uma Santa...mas uma mulher com desejos, vigor e ambição para viver de forma radical aquilo que queria e acreditava”. (GONÇALVES, 2006, p.96).

Irene é uma representação da mulher que rompe com as identidades do passado, caráter forjado para a personalidade e comportamento da mulher pelo sistema patriarcal. Rezende descreve uma personagem que embora viva no sertão paraibano, essas relações de gênero e de lugar não se alteram mediante o fato social, pelo contrário, o sertão trás nela uma característica bem regional, “mulher forte sim senhor”.

1. IDENTIDADES, GÊNERO E A SEXUALIDADE NA OBRA – OLHARES

O conceito de identidade social é se insere na nossa perspectiva para poder compreender como na obra, é construída a identidade para a personagem foco, Irene, que neste artigo está compreendido como construído e transformado a partir de experiências individuais e coletivas. *O Voo da Guará Vermelha* mostra em parte uma “crise de identidade dos personagens”, vista como parte de processos decorrentes de mudanças mais amplas e estruturais da sociedade .

Essas transformações e mudanças na obra implicará diretamente na perda de um “sentido de si”, deslocando e descentralizando os sujeitos no romance das suas esferas sociais, do seu lugar e da sua cultura sertaneja. Essas mudanças fragmentam as paisagens culturais de gênero e sexualidade, mudando a ideia de um sujeito integrado ao seu lugar, ao seu mundo social.

As identidades na literatura de Rezende vão sendo construída sob o seu olhar. O literato não cria nada a partir do nada, pois, não se faz literatura sem contato com a sociedade, a cultura e a história. Pois, conforme Nora (1993, p.9) a memória “se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto”. De acordo com Candido (1985, p. 24), a criatividade, a

imaginação e a originalidade, partem das condições reais do tempo e do lugar, as quais, ressaltamos, podem ser concretas ou não, da existência social e de suas experiências.

A construção dessas memórias se apropria na identidade individual. O sertão descrito na obra é um lugar de difícil acesso e de meios escassos para se viver, o que provoca o êxodo dos personagens bem como Irene. A memória sobre o Sertão está interligada as identidades da própria escritora, como também a dos personagens. A sua literatura é sobretudo um olhar pessoal sobre o problema político, individual e coletivo que o gênero feminino encontra no sertão, sendo ele paraibano ou não, a luta da mulher é a mesma.

A personagem Irene, traduz as muitas Irenes no mundo real. São mulheres que lutam por autonomia, uma representação social de força e poder, buscando o reconhecimento e a dignidade sobre a vida que essas mulheres levam no alto sertão paraibano. Com isso, a cultura nordestina e feminina, ganha notoriedade no romance de Rezende de maneira que, ela constrói e desconstrói sentidos que interferem no senso comum, uma mulher rotulada sob uma filosofia geral.

A palavra gênero, segundo Scott (1995) foi apresentada, inicialmente, por membros do movimento feminista como uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. A partir da categoria gênero compreende-se que a mulher ou o homem não estão submetidos pela sua natureza biológica, mas pelo resultado de uma relação social construída historicamente. Scott apud Daros aponta que :

Por gênero me refiro ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se relaciona simplesmente às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, como os rituais, e tudo o que constitui as relações sociais. [...].Segue então, que gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é causa originária da qual a organização social poderia derivar: ele é antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos. (SCOTT, 1995, p.15)

O gênero discutido na obra proporcionará olhares minuciosos para os personagens a medida que os capítulos vão sendo lidos. A escritora trabalha de maneira que a cada capítulo, as metáforas e o ficcional, vão se encontrando com o realismo poético. Sendo assim, reafirmando a importância para a discussão de gênero, da identidade, da educação e do semiárido, como uma maneira de dialogar e afirmar o discurso de um povo sofrido e perseguido pelos problemas sociais.

A sexualidade e o gênero na obra *O Voo da Guará Vermelha* de Maria Valéria Rezende são pouco abordados e tratados quase sempre com enfoque subjetivo na história através das cores mencionadas na história na titulação dos capítulos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da produção literária de Valéria Rezende é de grande relevância no contexto social, pois ela, sendo ficção, promove reflexões, percepções sobre o mundo real, criando representações sobre este mundo. A autora elabora a partir do ficcional, uma história social e política, caracterizada sob o gênero romântico, enfatizando o Nordeste, e em específico a Paraíba. A personagem, Irene, aponta suas dores e sentimentos, podendo fazer com que o leitor possa compreender e enxergar a importância de discutir assuntos pautados na vida cotidiana das mulheres pobres e nordestinas. Sendo assim, indispensável na formação da construção social, política e de identidade de gênero a partir do contexto da literatura.

A literatura permite o diálogo com a história e as relações de gênero, possibilitando no ambiente social, na academia, na escola, discutir as relações e identidades de gênero, traçando novos percursos para a desmistificação do olhar patriarcal, tendo outras visibilidades a partir do educacional. Rezende acredita que a pobreza no país é acarretada principalmente pela falta de educação, sendo ela responsável em parte pela miséria, pela falta de oportunidade de ter uma vida digna e principalmente, pela sobrevivência do preconceito e da visão egoísta sobre a mulher.

O feminismo na obra de Rezende é muito ligado à personagem de Irene, transfigurado nas cores fortalecendo a ideia de luta, sexualidade com a cor rosa e vermelho, e história de vida. O gênero romântico contribui na humanização do sujeito, fazendo-o vencer barreiras sociais, construir e desconstruir identidades, tornando-o capaz de lutar contra a ideologia dominante e conquistar um espaço no mundo seja pela consciência crítica ou reflexiva que a literatura é capaz de promover.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010. p. 173-186, Julho 2013.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2000

João Cabral de Melo Neto, entrevista a Marques Gastão, Diário de Lisboa, Lisboa, 3 de maio de 1958.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Revista de Teoria da História. Goiás, Ano 1, n.3, p.98. Jun. 2010.

CARVALHO, T. R. (21 de outubro de 2017). Literatura Regional: O Regionalismo na Literatura Brasileira. 2011. Fonte: Literatura: <http://littereza.blogspot.com.br/2011/01/literatura-regional.html>

NASSIF, L. 22 de outubro de 2017. O feminismo e a legalização da prostituição. Fonte: O jornal de todos os Brasis, 2013: <https://jornalgggn.com.br/blog/luisnassif/o-feminismo-e-a-legalizacao-da-prostituicao?page=2>

SWAIN, T. N. 22 de outubro de 2017. *Figuras de mulher em Simone de Beauvoir*: a mãe, a prostituta, a lésbica. 2011. Fonte: Universidade Livre Feminista: <http://feminismo.org.br/figuras-de-mulher-em-simone-de-beauvoir-a-mae-a-prostituta-a-lesbica/>

PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOMES, Gisele Ambrósio. 09 de setembro de 2011. História, Mulher e Gênero. Fonte: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/HIST%C3%93RIA-MULHER-E-%C3%8ANERO.pdf>

REZENDE, Maria Valeria. O Voo da Guará Vermelha. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GONÇALVES, Andréa Lisly; História e Gênero. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez.1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1985

DAROS, T. M. Problematizando os gêneros e as sexualidades através da literatura infantil. Revista Práticas de Linguagem. p. 173-186, Julho 2013.

Joan Scott –. Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica,1989. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Fonte: [file:///C:/Users/windows/Downloads/genero_joan_scott%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/windows/Downloads/genero_joan_scott%20(1).pdf)